

## Posfácio

### Sobre um tempo inconcluso

Ao longo do trabalho aqui publicado, procurei produzir, por meio da escuta, um corpo de escrita, o que exigia uma corporeidade que fizesse laço com a narrativa de cada um para que, entre saber tudo e nada saber, outras coisas pudessem aparecer. Escutando histórias, chegávamos ao ordinário e às entranhas dos acontecimentos no cotidiano daquelas pessoas, pois há vivências que não se pode conhecer pela racionalização. Juntos, percorremos possibilidades existenciais por meio do encontro com a palavra escrita, procurando instantes de ruptura com significados que vêm prontos de fábrica para que pudéssemos saber o que diziam dentro de cada história. Pelas narrativas, as palavras se mostravam impossíveis de significar, e esse impossível afirmava que a existência resiste a ser homogeneizada.

Debruçados sobre a oralidade e a escrita, esses meninos e eu experimentamos um mundo em que as coisas não precisavam ter direção única, pois o pensamento se compunha em um coletivo que se fez vivo por semanas ou meses. Escutá-los perguntando sobre as palavras permitiu que elas – inclusive aquelas que ressoam o horror, como o revólver ou o ódio que se mostra em uma cena de tumulto dentro de uma unidade de internação – produzissem ponderação e miragem, apontando para sentidos variados: a arma mata e protege e faz pensar o medo de envelhecer preso. Em meio às trocas que se deram, em que os termos eram pensados com lentidão, os meninos mostraram elementos que compõem o socioeducativo para cada um e que precisam dar o que pensar para que possa haver água em tanta aridez: paternidade, amizade,

trabalho, viver um corpo sempre em vias de ser morto e o tempo indeterminado como privação foram alguns deles. Acima de tudo, fizeram compreender que uma conversa não se realiza porque um e outro se colocam frente a frente, sendo um processo muito mais exigente que isso.

A estratégia de encontrar para conversar não conquistou todos os meninos que convidei; houve os que estiveram presentes na primeira apresentação, que se deu na festa de Natal, e não toparam continuar. Houve quem topou um encontro e quem permaneceu enquanto a medida acontecia, marcando que o meu lugar era também esse. Alguns meninos, quando os conheci, não mais cumpriam medida e concordaram com encontros semanais, que findaram quando desencontros outros nos separaram.

No tempo em que conversamos, houve mudanças nos planos e imprevistos: menino ter de buscar a filha na escola, consertar o carro, não ter dinheiro para o ônibus, ir ao médico, perder a hora dormindo. A adjacência dos encontros era já um percurso que solicitava energia: esperar, deslocar, pensar em como mandar mensagem, escolher palavras que, a distância, os fizesse querer falar comigo. Quando eles se despediram de mim antes do que eu imaginara como o tempo ideal, restaram dúvidas acerca das razões desta pesquisa. Então, a psicóloga e pesquisadora, que é também uma inspiração querida, Heliana Conde, disse: isso é a vida e esse é o modo de dizerem algo. Poder ir, poder escolher quando e a quem falar. Poder aceitar uma conquista em seu tempo. Poder entender o tempo de um dizer. Na medida, isso também acontece, e muitos levam anos para realizar os seis meses impostos pelo juiz.

Os trajetos foram variados e duraram enquanto foi possível; quando passou a não o ser mais, isso também era efeito de uma escolha e do tamanho do meu corpo naquela relação. Aceitar o não aos encontros permitiu que outras breves conversas acontecessem tempos depois: no desencontro, algo ficara em suspensão. Esse tempo de parada também é um tempo em que se produz; eles foram realizando outras coisas e, por vezes, ainda posso saber delas quando lhes escrevo. Eventualmente, recebo notícias. Esse processo, que não fala de algo inconcluso, dá a ver que são transitórios e indefiníveis os movimentos relativos às biografias-vivas.

Lançando-me, com eles, na produção de saberes numa “poética da comunicação” (Nunes, 2018), produzimos brechas, inventamos (e experimentamos) itinerários que agissem como breves respiros em relação às formas aprisionadoras da vida. Esses caminhos se deram pelas palavras e, por meio delas, experimentações do pensamento foram possíveis em um fazer topava o imprevisível, aceitando um embrenhar-se em processos em que não significar importava para que fosse possível manter certa abertura para a construção de sentidos. Busquei, pela relação, pela comunicação e pela escrita uma liberdade possível dentro das muitas relações que têm como palco o processo socioeducativo, deixando-os inventar maneiras – e a maneira é o não homogêneo.

Incidir em possibilidades inventivas exigia um olhar curioso e atento ao cotidiano, chão onde as experiências pessoais são tecidas; portanto, fora de uma narrativa padronizada acerca do sofrimento suposto em relação ao outro e dentro de um projeto que pedia o singular, acessado por um novo habitar nesse espaço de devastação. Como as trocas iam dando o que pensar, outros elementos poderiam, ainda, ter ganhado passagem nestas páginas. Entretanto, o tempo da escrita, como outros tempos da vida, carrega o seu limite, e quando concluir não precisa ser um fim, mas pode ser um novo começo, outras aberturas ganham horizonte, acionando o desejo (e a necessidade) de pensar novos elementos e relações num outro tempo.

O percurso investigativo aqui apresentado questionou o terreno socioeducativo e fez aventá-lo como um espaço que precisaria reparar mais naquele com quem fala para que adviesse o que só aquele menino poderia ser em sua maneira de existir, menos embrenhado em uma forma formatada que o restringe. Os meninos mostraram que resistir ao impossível implica inventar, mesmo nesse terreno, itinerários pelos quais seja possível decidir e que, para isso, a medida precisa não os atrapalhar no processo de invenção da sua liberdade, sabendo que ela, a liberdade, jamais poderia ser imaginada sem eles.



*Esforçava-me, então, por fazer equivaler, nessa circularidade que persigo, a ressaca da praia e o vazio rodopiando da área circundante, a ronda desse redemoinho que tinha se retirado em sua própria força motora. Esforçava-me em trazê-los de volta, eu também, a essa cadência do mundo com a qual consentimos sem que possamos medir-lhe nem controlar-lhe o curso. Eu pensava que por toda parte, de formas bem diferentes, a mesma necessidade está em jogo, a de adentrar a pulsão caótica da totalidade, sofrendo, no entanto, as exaltações ou as dormências das existências particulares. (Glissant, 2021, p. 153-154)*

